

APRESENTAÇÃO

A historiografia responde a questões do seu tempo. Por isso as constantes mudanças na forma de interpretar o que aconteceu no passado. O que é narrado não coincide com o que foi vivido. Essas diferenças sempre trazem problemas para o ofício do historiador, seguidas de debates acadêmicos marcados pela diversidade e pelo contraponto. Não devemos considerar as polêmicas como uma perda, nem tampouco como uma fragilidade. Ao contrário, a história ganhou mais espaço quando buscou novos temas para suas pesquisas e aprofundou sua comunicação com outros saberes. Todos conhecem a grande contribuição da Escola dos Annales para as mudanças ocorridas no século XX e que chegam, aos nossos dias, envolvidas com outras discussões que aproximam o nosso ofício e abrem nossas perspectivas de análise.

A produção de artigos sobre temas, antes incomuns, tem crescido e ocupado um espaço significativo nas revistas especializadas. O diálogo é amplo. A antropologia, a literatura, a demografia, a sociologia, a psicanálise estão, atualmente, presentes no universo de reflexão do historiador, criando uma nova identidade para o saber histórico, colocando desafios, reformulando o conceito de fontes e arquitetando metodologias antes impossíveis. Não é sem razão que se costuma afirmar que o passado é uma invenção do presente, os tempos históricos se entrelaçam, as linearidades são questionadas e pensa-se na simultaneidade. A história

sente-se íntima de linguagens que a aproximam do cinema e da literatura. Contudo, essa ressignificação não é aceita de maneira unânime, e se há os que contestam, lamentam, outros trazem contribuições que enriquecem o debate, reforçam a multiplicidade. Tentando apresentar os novos horizontes da historiografia, essa edição da *Clio* apresenta um dossiê sobre a relação Cultura e Modernidade.

Compõem trabalhos que se apóiam na releitura da história. *Modernidade, modernização. Relações sociais, cultura e sociabilidades no Recife dos anos 1950*, de Flávio Weinstein Teixeira, discute as transformações de cunho modernizante que afetam o cotidiano e usos da cidade, mostrando a importância de analisar o Recife com outros paradigmas. Os demais artigos sob matizes variados abordam a inter-relação que se estabeleceu entre cultura popular e o modernismo. Aldrin Moura de Figueiredo, no instigante artigo, *O modernismo como tradição: Mário de Andrade e redescoberta dos negros na Amazônia*, analisa as possíveis conexões que se pode estabelecer entre as tradições religiosas da Amazônia e as leituras modernistas que criaram visibilidade e legitimidade, levado a termo principalmente por Mário de Andrade através da *Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura de São Paulo*, na viagem à cidade de Belém do Pará, em 1938. Wagner Cabral da Costa, no artigo *Baiando com Catirina e Pai Francisco: desejo e malandragem no auto do bumba-meu-boi*, analisa as diferentes interpretações do Bumba-meu-boi, apontando a polivalência de significados do auto. Apontando para as tensões entre a “cultura dominante” e a “cultura popular”, expressas na forma particular da alegoria da malandragem, em que Pai Francisco personifica o típico herói popular.

O artigo de Ivaldo Marciano de França Lima, *Práticas e representações em choque: o lugar social dos maracatus na cidade do Recife, nos anos de 1890 a 1930*, bem como o de Isabel Cristina Martins Guillen, *Maracatus-nação entre os modernistas e a tradição: discutindo mediações culturais no Recife dos anos 1930 e 1940*, giram em torno da história social dos maracatus-nação na cidade do Recife, o primeiro discutindo como uma dada caracterização feita pelo folclore cria um lugar sócio-cultural para os negros; o segundo discute a reabilitação dos maracatus graças à obra de modernistas, como Ascenso Ferreira e Lula Cardoso Aires.

Além do dossiê, outros artigos também buscam introduzir novas discussões, enriquecendo a presente edição da Clio: Maria Thereza Didier de Moraes com o artigo *A Nação como construção*; Giselda Brito Silva nos apresenta *A política cultural das mulheres integralistas entre as mulheres pobres e trabalhadoras do Estado de Pernambuco*; Suely Creusa Cordeiro de Almeida contribui com *As Marias Madalenas de Pernambuco*; Wellington Barborsa da Silva nos traz *O delegado e a teia: a montagem do aparato policial no Recife durante a primeira década do Segundo Reinado (1840-1850)*; Abdias Vilar de Carvalho discute *A concepção religiosa: o tempo começado*; Sara Oliveira Farias apresenta *Do garimpo ao desenvolvimento: o brilho do ouro nas serras de Jacobina-Ba*; e Severino Vicente da Silva trouxe uma discussão sobre *Ensino e História*.

São trabalhos instigantes e que em boa hora ganham publicação. Esperamos que, assim como nós ao fazermos este número da Clio, tenham um grande prazer lendo-os.

Antonio Paulo de Moraes Rezende
Isabel Cristina Martins Guillen